

Escrever para sobreviver: porque já morremos muito

Viviani Cavalcante de Oliveira Leite y Edgar César Nolasco
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Brasil

Macabéa não pode morrer. Já morremos muito. Mas vivemos, apesar de. Junto a Macabéa ouço e recupero peças de nossas histórias. Eu sei bem quem é a Flor de Mulungu... A criatura se dá a morte, para que a infeliz não se lembre dela. Macabéa dizia, quem quiser falar que fale, eu aguardo pacientemente a minha hora.

Evaristo. Macabéa, *Flor de Mulungu*, p. 20

Ao negar a morte à personagem Macabéa em seu conto, como ilustrado na epígrafe acima, a escritora Conceição Evaristo nega justamente o que agrega à personagem por meio de um jogo de diferenças, repetições e representações, simbolizando sua luta e resistência. Negar a morte de Macabéa significa agregar a *sobrevida* à personagem e por extensão representa o engajamento da escritora em prol da sobrevivência de seu povo, em especial as mulheres de seu povo, suas memórias e histórias.

Entendo que refletir criticamente a respeito de questões que emergem da relação entre obra e autor como proponho neste ensaio, implica em pensar pelo viés da crítica biográfica de *natureza compósita*, visto que pretendo empreender uma leitura crítico biográfico. Assim, constituo meu *corpus* de estudo com as memórias e arquivos de Conceição Evaristo. Para tanto, empreendo um exercício (des)arquivolítico de minhas próprias memórias concomitantemente.

O filósofo franco-argelino, Jacques Derrida, afirma que a interpretação do arquivo “não pode esclarecer, ler, interpretar, estabelecer seu objeto, isto é, uma herança dada, senão inscrevendo-se nele, isto é, abrindo-o e enriquecendo-o bastante para então aí ocupar um lugar de pleno direito” (Derrida, p. 88); nesse sentido posso afirmar que desarquivar significa também virar o corpo ao avesso, romper com as fronteiras epistemológicas, pensar a partir da margem. Assim, embasada nos pressupostos da crítica biográfica que

[...] por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção (Souza, 2007, p. 111).

Permito-me construir tais pontes, visto que a crítica biográfica é uma linha de estudos que transita entre as extremidades do real e da ficção, englobando um estudo tanto do texto literário como do que diz respeito a vida do autor. Assim elaboro minhas reflexões não apenas acerca dos textos literários de Conceição Evaristo, como também de seu bios, ampliando assim as possibilidades de minha leitura e inserção.

Edgar César Nolasco afirma que a quebra de paradigma de maior impacto da crítica biográfica nessa virada de século foi “a inserção da figura do intelectual no ensaio crítico, a presença mesma de sua persona” (Nolasco, 2010, p. 35), quero aqui substituir o termo “inserção” utilizado pelo estudioso por “incorporação”, pois penso que com/no corpo é que se dão as “sensibilidades biográficas.”¹

Meus primeiros contatos com a escritora se deu em meu último ano de Graduação e por meio de sua personagem Macabéa (a flor de mulungu). Uma reescrita da

¹ Termo utilizado por Edgar Cesar Nolasco em seu livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 129.

muito conhecida Macabéa (a estrela) de Clarice Lispector. Lembro-me das primeiras impressões ao ler o conto de Evaristo, parecia um tipo de resposta àquela grande inquietação que a estrela me causara e até mesmo à pergunta de Rodrigo SM que ecoava em minha mente: “Por que ela não reage?” (Lispector, p. 25). Entretanto a sensação de alívio não passou de uma equivocada primeira impressão, mas minha inquietação tornou-se ainda maior.

Se, por um lado, eu agonizava com o grito preso no corpo da estrela como se estivesse (e está) em meu próprio corpo, por outro lado, tenho aprendido que gritar não é tão fácil e não implica apenas em uma simples ação que gera alívio, mas em uma luta. Para que uma mulher possa exercer o seu direito ao grito foi, e ainda é, necessário sangrar. Na epígrafe que abre este texto, posso ler as marcas dessa sangrenta luta que para as mulheres negras foi (e é) ainda mais violenta. Se uma mulher branca pagou/paga a pena por sua condição com o próprio corpo, o preço pago por uma mulher negra foi/é ainda mais alto.

No livro *Mulheres, raça e classe* (2016), Angela Davis relata a maneira em que as escravas eram exploradas no trabalho braçal, sem distinção de sexo, e submetidas aos mesmos castigos e explorações que os dos homens, porém, “as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas” (Davis, p. 25 - 26). Além disso:

Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro. Mas isso não significa que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade - tão popular no século XIX - não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não

eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (Davis, p. 25 – 26).

Dessa maneira, estas mulheres tinham seu direito à maternidade violado. Seus corpos eram vistos como os de animais reprodutores e a figura da mulher negra enquanto mãe não existia, pior que isso, seus filhos eram vendidos como se fossem animais. Entendo que tamanha violência contra a mulher negra, na época da escravatura, implicou em uma ferida colonial que sangra nos corpos negros femininos até hoje.

Enquanto mulher e mãe, me aproximo e posso mensurar o tamanho das marcas deixadas nessas mulheres ao serem separadas violentamente de suas crianças, sendo impedidas de exercerem a maternidade. Conceição Evaristo demonstra carregar em seu corpo esse (re)sentimento ancestral, pois em suas falas costuma indagar o porquê de não haver uma representatividade materna da mulher negra na literatura brasileira.

Em um vídeo gravado na FLIP (Evaristo *apud* Amaro, s/p.), a escritora afirma que quando esporadicamente uma mulher negra representa o papel de mãe no romantismo brasileiro, esse papel é o de “mãe preta”, ou seja, aquela que cuida da prole alheia. Evaristo reitera que o fato de a literatura brasileira não dar conta de criar personagens negras mães, faz com que o corpo da mulher negra seja colocado sempre no lugar do mal, um corpo que é infecundo, serve apenas para o prazer.

O fato de não existir uma representatividade da mulher negra enquanto mãe na literatura brasileira retrata a exclusão desse corpo negro feminino tanto da literatura quanto da concepção social desse corpo enquanto frutífero. A própria Conceição Evaristo afirmou em uma entrevista que apesar de, desde muito cedo, ter uma aptidão considerável à escrita, sonhava em ser professora sem cogitar a possibilidade de ser

escritora já que isso não poderia fazer parte de seu objeto de desejo sendo ela uma mulher negra e favelada:

Todo o meu período de infância e juventude, não sonhava em ser escritora. Eu sonhava em ser professora. Eu queria ser professora. Mas sempre escrevi sem saber o que poderia acontecer. Até porque, oriunda de classes populares, nascida em uma favela, vinda de uma família negra, este ideal de ser escritora, não fazia parte do nosso objeto de desejo; eu lia os textos e nem refletia sobre quem estava atrás daquele texto, ou sobre quem escrevia aquelas histórias. Este conceito de escritor e de escritora era uma coisa muito vaga. Na minha juventude fui amadurecendo com outras leituras, conhecendo outros escritores e escritoras. Mas me pensar como escritora aconteceu muito mais tarde, já no Rio de Janeiro (Evaristo *apud* Amaro, s/p.).

Diante desta afirmação da escritora, percebo o quanto a exclusão pode ser nociva aos sujeitos excluídos e muitas vezes torná-los dóceis a ponto de afetar seus desejos e projetos de vida. Por muito tempo, também fui levada à docilização, aceitava minha condição de mulher pobre e não avistava uma possibilidade de sonhar com uma Graduação, muito menos com uma Pós-Graduação. Atribuo a Conceição Evaristo boa parte dessa conscientização de que posso ir além. Recebi uma herança e quero fazê-la sobreviver.

Após sua mudança para o Rio de Janeiro, Evaristo optou por desobedecer as regras, e mesmo que sua luta tenha sido muito intensa e suas conquistas tenham demorado para se realizar, o fato é que a escritora tem alcançado seu merecido lugar na literatura brasileira e tem conquistado dentro dela a representatividade da literatura afro-descendente. Por outro lado, infelizmente, tal conquista é uma exceção e não uma regra, como ela mesmo afirma:

Eu sou grata à vida, acho que a literatura me escolheu. Mas acho também que nada que eu estou ganhando é prêmio. Aos 71 anos, é que eu estou conseguindo esta visibilidade. Em termos de organização social, será que se eu não fosse uma mulher negra eu não teria tido este reconhecimento mais cedo? A vida me escolheu, mas o que eu estou conseguindo poderia ser, deveria ser e merece ser muito mais. Não apenas para mim, mas como para várias outras escritoras, para vários cidadãos. Eu sou grata, mas eu quero mais. Eu não estou tomando nada de ninguém. A sociedade brasileira tem uma dívida com todos nós. As exceções confirmam as regras. Que regras são estas da sociedade brasileira que aos 71 anos é que uma mulher negra consegue uma visibilidade dentro da literatura? Ainda bem que eu tive forças, mas muitas pessoas ficam pelo caminho, porque é preciso um esforço supra-humano (Evaristo *apud* Amaro, s/p.).

Posso conjecturar que, assim como Macabéa, Conceição Evaristo, ao deixar sua cidade, família e principalmente as mulheres de sua família que sempre foram a base de sua existência, e se mudar para o Rio de Janeiro, também tenha se visto “numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, p. 15). Entretanto, em meio as contrariedades suportou e venceu, com seu corpo resiliente, todas as dificuldades impostas a ela naquele lugar.

Dessa maneira, o Rio de Janeiro foi seu lugar de exílio, mas foi também o lugar de continuar resistindo. A cidade a partir da qual Evaristo percebeu que o ato de “escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo” (Evaristo *apud* Maringolo, p. 54).

Em *janelas indiscretas* (2011), Eneida Maria de Souza afirma que “enquanto os manuscritos estiverem sendo guardados com vistas a um procedimento analítico, reinstaura-se ainda um pouco da gênese literária” (Souza, 2011, p. 40), pois “a prática analítica voltada para as fontes primárias não irá revelar o olhar conservador sobre a

escrita literária, mas a sua revitalização” (Souza, 2011, p. 40). A crítica traz uma reflexão de Louis Hay a respeito dessa questão:

o manuscrito é de uma extraordinária diversidade, e pertence a todas as etapas e a todos os estados do trabalho, dossiês, esboços, planos rascunhos. Mas, desde que o pensamento ou a imaginação os tocam, todos, do documento inerte – até a página inspirada –, encontram-se dotados de vida e convocados a desempenhar seu papel num projeto de escritura (Hay *apud* Souza, 2011, p. 40).

No manuscrito abaixo, a escritora faz um breve relato de sua vivência no Rio de Janeiro, cidade na qual vive até hoje:

MINHA ESCRITURA vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de MIMAS. VEM dessa pele-memória - História passada PRESENTE e FUTURA que existe EM MIM. VEM de uma TEimosia, quase INJÁRIA, de uma insistência que nos MARCA e que não nos deixa esquecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança.
Sou de Belo Horizonte, mineiramente estou assentando a vida há mais de quarenta anos, cinquenta quase.
~~tenho sido professora e aprendiz~~
Tenho sido professora e aprendiz por essas escolas do Município do Rio de Janeiro e hoje como Funcionária

pública desenvolvo as minhas atividades profissionais no C. E. José Bonifácio, da S.M.C, onde trabalhamos com cultura Afro-Brasileira.
Vem insistindo também em misturar literatura e vida nos cursos que fiz, o de ~~bacharelado~~ e Licenciatura em Português - Literaturas na UFPA e o de Mestre do em Literatura Brasileira na PUC/RJ.
Tenho várias lembranças, uma delas, é a imagem do pai de minha filha, companheiro que em vida soube tão bem cumprir-se comigo no meu exercício de ser mãe. E Tenho ainda, felizmente tanto, assim, minha filha, especial minha, meu primo-primeiro, ^{peço mais que} ~~meu primo~~ que vive em mim.

Manuscrito de Conceição Evaristo exposto na 34ª ocupação Itaú cultural

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrivencia/>.

Nesta perspectiva, posso conceber este manuscrito da escritora enquanto um esboço da teorização do conceito de *escrivência* cunhado por ela, pois, por meio dele, faz um breve relato de como se dá tal conceito em seu processo de criação literária em que vem *insistindo também em misturar literatura e vida*. Apesar de não estar datado, posso supor que tenha sido escrito em meados do ano de 1996 conforme algumas informações que

nele constam. Neste manuscrito, percebo também alguns rastros do *bios* de Conceição que são pertinentes para meu propósito de traçar o perfil biográfico da intelectual.

Observo que a escritora inicia e mantém em primeira pessoa do singular quase todo o escrito, porém desliza por um momento à primeira pessoa do plural no trecho: *vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer*. Essa mudança do singular para o plural aponta para o cuidado que a escritora demonstra ter em se empenhar pela coletividade, como é possível perceber também em sua fala na mesa “Amadas”, que a homenageou no encerramento da 15ª Flip (Festa Literária Internacional de Paraty): “Eu não estou aqui sozinha, eu não cheguei sozinha, eu cheguei por força coletiva de homens e mulheres negras, notadamente de mulheres negras” (Evaristo *apud* Angiolillo, s/p).

Ainda no mesmo manuscrito, Evaristo afirma que sua *escrevivência* vem da *pele-memória-história passada presente e futura* que existe nela. Dessa maneira, entendo que as *sensibilidades biográficas* da escritora estão impressos em sua *escrevivência* por meio da qual suas memórias se (re)constroem com seu corpo fronteiriço em uma performance *arquiviolítica* (Derrida) que se dá no presente, passado e futuro ao mesmo tempo. Um movimento de força motriz que se instaura no campo literário, cultural e social no intuito de restaurar as memórias da mulher afro-brasileira, ou seja, conceder a *sobrevida* (Derrida) à essa memória ancestral.

Ao transformar Macabéa (estrela) em macabéa (Flor de Mulungu), a escritora mineira, (des)arquiva a memória da personagem inscrevendo nela sua memória ancestral e a cultura afro-brasileira por meio da simbólica Flor de Mulungu. Isso pode ser corroborado por meio da extensa explicação apresentada pela narradora contemporânea a respeito dessa flor:

De todas as funções exercidas, o ato de cerzir era o que mais seduzia a moça. E de todas as peças, as que vinham sempre em abundância para a cerzideira, eram lenços. Noite e dia. Alguns chegavam tão puidinhos, tão enfraquecidos e com fios tão visivelmente rompidos, que não passavam de molambos pendentes à morte, ao esquecimento. Para esses então, o afazer da moça não se resumia somente em restaurar os fios esgarçados. Era tudo o mais. Tratava-se de recompor, de devolver a vida que ali existiu. Esses lenços, existências em seus momentos escorregadios, chegavam sempre secos, mas úmidos de lágrimas. Seus donos podiam ser homens ou mulheres. E com presteza a Flor de Mulungu se entregava toda ao milagroso ofício! (Evaristo, 2012, p.15)

O ofício de cerzideira que Conceição Evaristo empregara à Macabéa pode representar seu próprio ato de escrevivência. Assim, cerzir significaria escrever, ou seja, (des)arquivar memórias condenadas a morte e ao esquecimento, interpretá-las e transformá-las em literatura. Sua literatura está extremamente contaminada por sua vivência e conseqüentemente por suas memórias ancestrais das quais a escritora é herdeira e se propôs “fazê-la produzir, dar frutos, transformar-se, sobre-viver” (Coracini, p. 126). Trata-se de uma

Memória esgarçada, mas que, como um sonho tenaz, busca reconstruir-se na tentativa de recompor a história silenciada, deturpada, queimada do negro no Brasil. Memória da qual brotam Zumbi dos Palmares, Dandara, Chico Rei, Luiza Mahin e outros. Memória, força-motriz de movimentações e movimentos. Força impulsionadora do negro em movimento e do Movimento Negro (Evaristo, 2011, p. 47).

Dessas memórias também brotam Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, Maria Nova, Macabéa, Flor de Mulungu, Carolina Maria de Jesus, entre outras tantas escritoras

negras, personas e personagens que representam a literatura negra feminina afro-brasileira impulsionadas pelo desejo de restaurar seu fios esgarçados e recompor essas memórias e histórias por meio de sua escrevivência (cerzimentos).

Vale ressaltar que a oralidade é uma tradição da cultura afro-descendente que está presente na vida/obra de Conceição Evaristo. Nas palavras da escritora, “Ela [mãe] recolhia livros e revistas e mostrava para nós, mesmo sem saber ler. Víamos as figuras e inventávamos novas histórias. Meu interesse pela literatura nasce daí” (Evaristo *apud* Cazes, s/p). Percebo com isso, que a literatura de Evaristo nasceu de um processo leitura/escrita oral na infância, como ela mesmo afirma. Segundo Jean Vansina:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral (Vansina, p. 139 - 140).

Dessa maneira, a oralidade é uma estratégia social para se preservar a memória garantindo assim sua *sobrevida*. No caso de Conceição Evaristo, entendo que a oralidade é uma herança ancestral por meio da qual “identidades mutiladas são reconstruídas com o auxílio de uma memória mítica, que circula pela oralidade e que se afirma, muitas vezes, como um contra-discurso da história oficial” (Evaristo, 2011, p. 30).

Posto isto, entendo que a *escrevivência* de Evaristo emerge por meio da oralidade, uma das estratégias utilizadas pelos povos colonizados para preservar suas memórias, com o objetivo de que elas resistam a violenta colonização. Ao afirmar que não nasceu em meio aos livros, mas sim em meio às palavras (Evaristo *apud* Cazes, s/p.), a escritora se

refere às narrativas das memórias ancestrais que são (des)arquivadas e (re)contadas de mãe para filha e assim sobrevivem gerações por meio de suas “Vozes-mulheres”²:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.

² Título do poema de Conceição Evaristo citado em seguida.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade

(Evaristo, 2016, 24 - 25)

No poema acima citado, Conceição Evaristo representa e uma maneira poética a herança da tradição oral em uma perspectiva feminina na qual posso ler a “voz” enquanto representação da palavra oralizada. Herança esta, que traz consigo as marcas da violência sofrida pelas mulheres negras representadas pela bisavó nos porões de navios, da avó nas cozinhas alheias e no caminho à favela e em suas rimas de sangue e fome.

Refletir a cerca da vida/obra de Conceição Evaristo, uma escritora mulher, negra e pobre que nasceu, cresceu e vive até hoje em um país como o Brasil, cuja sociedade, em pleno século XXI, ainda é considerada significativamente racista e machista é experimentar a dor de quem sofreu/sofre na pele a dor de uma violenta exclusão e humilhação. Desde sua infância, a escritora mineira precisou empreender uma verdadeira guerra em favor dos seus e dessa maneira suas sensibilidades foram constituídas e perpassaram sua formação enquanto escritora e intelectual que representa a força motriz da luta dos afro-brasileiros.

© Viviani Cavalcante de Oliveira Leite y Edgar César Nolasco

Referências

- Amaro, Vagner. “Conceição Evaristo: uma escritora popular brasileira”. GELEDÉS. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-uma-escritora-popular-brasileira/>. Acesso em 20.08.2018.
- Angiolillo, Francesca. “Nossa identificação não pode ficar fora da literatura, diz Conceição Evaristo”. FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/07/1905680-nossa-identificacao-nao-pode-ficar-fora-da-literatura-diz-conceicao-evaristo.shtml>. Acesso em: 11.11.2017.
- Cazes, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: 11.12.2016.
- Coracini, Maria José Rodrigues Farias. “A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida”. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 2, n. 4, set. 2010.
- Davis, Angela. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico]. Tradução de Heci Regina Candiani. S.Paulo: Boitempo, 2016.
- Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: Uma Impressão Freudiana*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Evaristo, Conceição. “Macabéa, Flor de Mulungu”. In Guimarães Mayara R.; Maffei, Luis (Orgs.). *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012. p. 13 – 21.
- . *Poemas malungos – cânticos irmãos*. 2011. 172 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.
- . *Olhos d`água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- Maringolo. Cátia Cristina Bocaiuva. “Ponciá Vicêncio e becos da memória de Conceição Evaristo e a poética da escrevivência”. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; Chatagnier, Juliane Camila; Laranja, Michelle Rubiane (Orgs.). *Corpos que (se)*

importam refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

Nolasco, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

~. “Políticas da crítica biográfica”. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 2, n. 4, set. 2010.

Souza, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

~. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica.* Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Vansina, Jan. “A tradição oral e sua metodologia”. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. - 2.ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. p. 139 - 166.